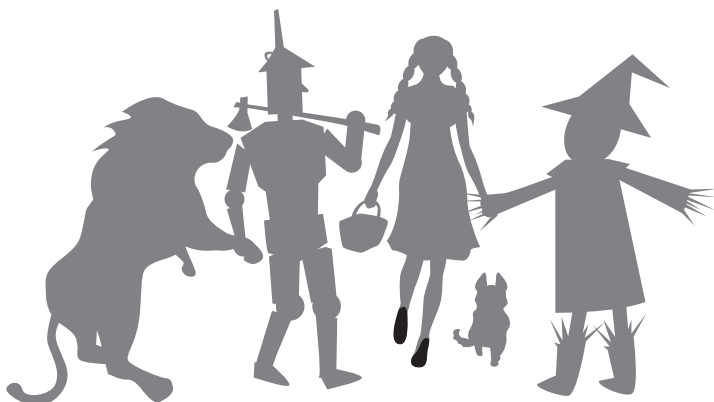


SUMÁRIO

Aos meus leitores.....	9
O caminho para Butterfield	11
Dorothy conhece Botão-Brilhante	19
Uma aldeia estranha.....	24
Rei Dox	30
A filha do Arco-íris	38
A cidade das bestas.....	42
A transformação do Homem-Farrapo.....	48
O musicista.....	56
Enfrentando os scoodlers	63
Escapando do caldeirão	68
Johnny, o Faz-Tudo	74
O Deserto Mortal foi cruzado.....	81
A Lagoa da Verdade	84
Tic-Tac e Billina	89
O castelo de estanho do imperador	95
Visitando o campo de abóboras	99
A chegada da carruagem real.....	103
A Cidade das Esmeraldas	108
Boas-vindas ao Homem-Farrapo	113
Princesa Ozma de Oz.....	117

Dorothy recebe os convidados.....	122
Chegadas importantes	128
O grande banquete.....	134
A celebração do aniversário	137



AOS MEUS LEITORES

Bem, meus queridos, aqui está o que vocês me pediram: outro “livro de Oz” sobre as estranhas aventuras de Dorothy. Atendendo a pedidos, desta vez Totó está nesta história, juntamente com muitos outros personagens que vocês já conhecem. Os desejos dos meus pequenos correspondentes foram cuidadosamente considerados, e se o livro não é exatamente como vocês o teriam escrito, é preciso lembrar que uma narrativa, antes de ser passada para o papel, é, acima de tudo, uma história, e se o escritor fizer muitas mudanças, corre o risco de estragá-la.

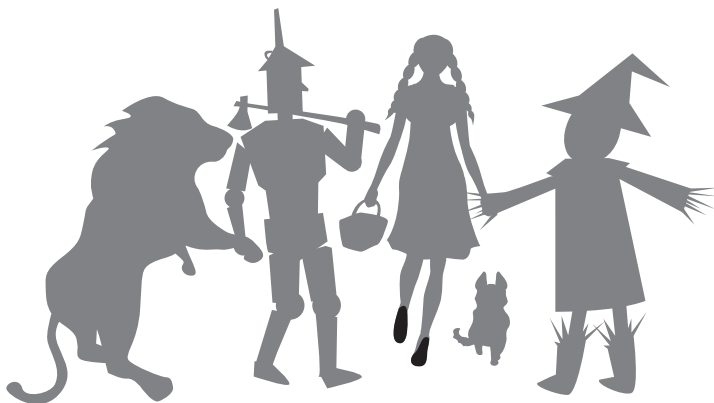
No prefácio de *Dorothy e o Mágico de Oz*, eu disse que gostaria de escrever algumas histórias que não fossem sobre “Oz”, porque pensei já ter escrito o suficiente sobre as aventuras da menina do Kansas. Mas, desde que este volume foi publicado, tenho recebido inúmeras cartas de crianças implorando-me para “escrever mais sobre Dorothy” e “mais sobre Oz”, e como meu objetivo com a escrita é agradar as crianças, tentarei respeitar seus desejos.

Existem alguns personagens novos neste livro que devem ganhar a sua simpatia. Gosto muito do Homem-Farrapo, e acho que vocês irão gostar dele também. A personagem Policromia, filha do Arco-íris, e o estúpido Botão-Brilhante trazem um tom divertido a essas histórias de Oz, e estou

L. FRANK BAUM

feliz por tê-los descoberto. Estou ansioso para que me escrevam e digam o que acharam deles. Desde que este livro foi escrito, recebi algumas notícias notáveis da Terra de Oz, que me surpreenderam muito, e acredito que irão surpreendê-los também, meus queridos, quando vocês as ouvirem. Mas é uma história tão longa e emocionante que deve ser guardada para outro livro – e talvez seja a última história a ser contada sobre a Terra de Oz.

L. FRANK BAUM
Coronado, 1909



○ CAMINHO PARA BUTTERFIELD

– Por favor, senhorita – disse um maltrapilho –, poderia me dizer qual é a estrada para Butterfield?

Dorothy olhou para ele. E, sim, ele vestia trapos e estava desgredado, mas havia um brilho em seus olhos que o fazia parecer alguém agradável.

– Ah, claro – respondeu ela. – Posso sim! Mas esta em que você está não é a estrada certa.

– Não?

– Não. Você precisa atravessar o lote de quatro hectares, seguir a pista até a rodovia, ir para o norte em direção a cinco ramificações na estrada, pegar... deixe-me ver...

– Para ter certeza, senhorita, é melhor que você mesma veja onde fica Butterfield, se estiver disposta – disse o homem.

– Acho que você deve pegar a ramificação próxima ao toco de salgueiro, ou então a que fica perto das tocas dos géomis-de-bolso; ou talvez...

– Não posso pegar qualquer uma, senhorita?

– Claro que não, Homem-Farrapo. Você deve seguir o caminho certo para chegar à Butterfield.

– E é aquela perto da toca dos géomis-de-bolso, ou...

– Minha nossa! – gritou Dorothy. – Eu mesma terei que lhe mostrar o caminho, você é tão estúpido! Espere um minuto para eu ir até minha casa pegar meu chapéu de sol.

O homem esperou. Ele tinha uma palha de aveia na boca, que mastigava lentamente, como se tivesse um gosto bom, embora isso não fosse verdade. Havia uma macieira ao lado da casa e algumas maçãs caídas ao chão. Achando que elas teriam um gosto melhor do que a palha de aveia, ele aproximou-se para pegar algumas. Então, um cachorrinho preto, com olhos castanhos brilhantes, saiu correndo da habitação rural vindo loucamente em direção ao homem maltrapilho que, no momento, já tinha pegado três maçãs e colocado em um dos grandes bolsos de seu casaco felpudo.

O cachorrinho latiu e se jogou contra a perna do homem esfarrapado, mas ele agarrou o animal pelo pescoço e o colocou no bolso largo junto com as maçãs. Depois ele pegou mais algumas, porque havia muitas no chão, e cada uma que ele jogava em seu bolso acertava o cachorrinho em algum lugar, na cabeça ou nas costas, fazendo-o rosnar. O nome dele era Totó, e ele estava triste por ter sido colocado no bolso de um estranho.

Logo Dorothy saiu de casa com seu chapéu de sol, e ela o chamou:

– Vamos, Homem-Farrapo, se ainda quiser que lhe mostre o caminho para Butterfield.

Ela escalou a cerca do terreno de quatro hectares e ele a seguiu, caminhando lentamente e tropeçando nas pequenas elevações do pasto, como se estivesse pensando em outra coisa e não as tivesse percebido.

– Nossa, como você é desajeitado! – disse a menina. – Está com os pés cansados?

– Não, senhorita, são meus bigodes. Eles se cansam muito facilmente neste calor. Seria bom se nevasse agora, não acha?

– Claro que não! – respondeu Dorothy, olhando-o com severidade. – Se nevasse em agosto, estragaria o milho, a aveia e o trigo, e então o tio Henry não teria nenhuma colheita, e isso o tornaria pobre, e...

– Não importa – disse o homem. – Não vai nevar de qualquer forma, eu acho. Já estamos do outro lado?

– Sim – respondeu Dorothy, escalando outra cerca. Eu irei até a rodovia com você.

A ESTRADA PARA OZ

– Obrigado, senhorita. Você realmente é muito gentil para o seu tamanho – disse ele agradecido.

– Nem todo mundo conhece o caminho para Butterfield – comentou a garota enquanto tropeçava ao longo da pista –, mas como eu fui até lá há algum tempo com o tio Henry, acredito que posso encontrá-lo de olhos fechados.

– Não faça isso, senhorita – disse o homem com vestes de trapo, com seriedade. – Você pode acabar errando o caminho.

– Eu não vou fazer isso – ela respondeu, rindo. – Aqui está a rodovia. Agora é a segunda, não, a terceira à esquerda... ou será que é a quarta? Vamos ver. A primeira ramificação fica perto do olmo e a segunda, das tocas dos géomis-de-bolso, e então...

– Então o quê? – ele perguntou, colocando as mãos nos bolsos do casaco. Totó agarrou um dedo e o mordeu, fazendo o homem tirar a mão do bolso rapidamente e dizer:

– Ai!

Dorothy não percebeu porque estava protegendo os olhos do sol com o braço, enquanto olhava ansiosamente para a estrada.

– Vamos – ela ordenou. – Não é muito longe daqui, então eu posso mostrar a você.

Depois de um tempo, eles chegaram ao lugar onde a estrada se ramificava em cinco direções diferentes. Dorothy apontou para uma e disse:

– É esta aqui, Homem-Farrapo.

– Estou muito agradecido, senhorita – disse ele, começando a caminhar pela outra ramificação.

– Não é essa! – ela gritou. – Você está indo pelo caminho errado.

Ele parou.

– Eu pensei que você tivesse dito que a outra era a estrada para Butterfield – disse ele, passando os dedos pelos bigodes peludos parecendo intrigado.

– E disse.

– Mas eu não quero ir para Butterfield, senhorita.

– Você não quer?

– Claro que não. Eu queria que você me mostrasse a estrada para que eu não fosse para lá por engano.

– Oh! Onde você quer ir, então?

– Não sou muito exigente, senhorita.

Essa resposta surpreendeu a menina e também a provocou, fazendo-a pensar que seu esforço tinha sido em vão.

– Há muitas estradas aqui – observou o maltrapilho, virando-se lentamente, como um moinho de vento humano, para olhar ao redor. – Parece-me que uma pessoa poderia ir “a quase todos os lugares que quisesse a partir daqui”.

Dorothy também virou-se e ficou surpresa. Havia muitas estradas, bem mais do que tinha visto da outra vez. Ela tentou contá-las, sabendo que deveriam ser cinco, mas quando ela chegou a dezessete, ficou perplexa e desistiu, pois as estradas eram tão numerosas quanto os raios de uma roda, e iam para todas as direções a partir da ramificação central, então, se ela continuasse verificando a quantidade de caminhos, provavelmente acabaria contando algumas das estradas duas vezes.

– Nossa! – ela exclamou. – Costumava haver apenas cinco estradas, uma rodovia e só. E agora por que... Onde está a rodovia, Homem-Farrapo?

– Não sei dizer, senhorita – respondeu ele, sentando-se no chão como se estivesse cansado de ficar em pé. – Não estava aqui um minuto atrás?

– Foi o que pensei – respondeu ela, muito perplexa. – Eu vi as tocas dos géomis-de-bolso e também o toco morto, mas agora não estão mais aqui. Essas estradas são todas estranhas... E quantas estradas existem! Para onde você acha que elas vão?

– As estradas – observou o homem – não vão a lugar algum. Elas permanecem no mesmo lugar para que as pessoas possam pisar nelas.

Ele colocou a mão no bolso lateral e tirou uma maçã rápido, antes que Totó pudesse mordê-lo novamente. O cachorrinho pôs a cabeça para fora desta vez e disse “*Au-au!*” tão alto que fez Dorothy pular.

– Oh, Totó! – ela gritou. – De onde você veio?

– Eu o trouxe comigo – disse o homem desganhado.

– Por quê? – ela perguntou.